

Globethics Repository

The logo consists of the word "Globethics" in white, sans-serif font, centered within a solid blue rectangular background.

Escola, desemprego e violencia [School, unemployment and violence]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	de Azevedo, Rodrigo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-16 15:08:24
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163380

exemplo, quando há notícias de assaltos em São Leopoldo, ou briga de jovens, não há referências sobre o quadro da violência juvenil nesse município, que é grave, porque há uma insuficiência de políticas públicas voltadas para a juventude. As notícias não se referem à problemática geradora dessa situação, como se o menino tivesse entrado em surto e pegado uma arma; como se não existisse uma engrenagem produzindo esse tipo de comportamento, esse tipo de sintoma social.

IHU On-Line – Em algum momento essas notícias são contextualizadas?

Ronaldo Henn – Raramente, às vezes nos editoriais. Houve um episódio em Santa Maria, uma chacina que foi noticiada com destaque, porque parecia ser uma nova modalidade de crime que se instalava no Estado. Então houve editoriais, em especial na **Zero Hora**, assinalando a preocupação com esse crime, mas essa preocupação estava mais voltada ao surgimento de crimes novos do que com a generalização da criminalidade. Em geral, esse tipo de notícia serve de suporte para manifestações de opiniões pré-estabelecidas sobre o tratamento penal, normalmente favorecendo uma visão repressiva, a pena de morte.

Carmen de Oliveira - No caso do jovem, a notícia é mais descontextualizada. Nos conteúdos voltados para os jovens, se pautam drogas, gravidez, aids. Mas a violência juvenil não é relacionada nos cadernos juvenis. Se queremos trabalhar uma nova mentalidade da juventude sobre as drogas e a violência juvenil, ela poderia estar classificada como um problema dessas novas gerações, e não como uma notícia de página policial. Os especialistas falam sobre todas as áreas, mas não sobre violência juvenil. A **Zero Hora**, aliás, é um dos poucos jornais com grande tiragem que mantém páginas policiais. E sabe-se que os jornais não têm mais as páginas policiais, têm mais qualidade investigativa, trabalham com outra lógica na veiculação da notícia. Na **Folha de São Paulo**, por exemplo, esse tipo de assunto está no caderno “cidade”.

Ronaldo Henn – Vale destacar que, no levantamento que fizemos, a descrição de como o corpo do jovem em situação de vítima é encontrado, sugere duas coisas: confronto com a polícia ou disputa pelo controle do tráfico. São indícios bem evidentes que não são explorados jornalisticamente.

ESCOLA, DESEMPREGO E VIOLÊNCIA

Entrevista com Rodrigo de Azevedo

Rodrigo de Azevedo é doutor em Sociologia pela UFRGS e pesquisador do grupo de pesquisa Violência e Cidadania. O programa envolve três professores e os alunos do Programa que trabalham a questão da violência. A pesquisa aborda a violência na Escola, a formação e reforma do sistema policial e um mapeamento da violência no Município de Porto Alegre que busca situar espacialmente os principais delitos na cidade. Há um estudo da reincidência do sistema prisional um acompanhamento do funcionamento do sistema de justiça criminal.

IHU On-Line- Qual é o perfil mais encontrado na criminalidade em Porto Alegre?

Rodrigo de Azevedo- A maioria das vítimas dos homicídios se situam entre 15 e 25 anos de idade. Esse fenômeno é nacional, não acontece só no Estado. Mais da metade dos índices de homicídio no País se concentram nessa faixa etária e no sexo masculino. Nessa faixa etária, existe uma relação com o problema de tráfico de drogas. Criminosos que atuam na periferia dos grandes centros têm uma grande capacidade de atração dessa juventude que se encontra com dificuldade de ingresso no mercado de trabalho e vêem também, nessas organizações, uma

possibilidade de obtenção de reconhecimento e status. Boa parte da criminalidade violenta no Brasil ocorre dentro dessas organizações, em conflitos entre traficantes e disputas de espaços nessas áreas de periferia ocupadas pelo mercado da droga.

IHU On-Line- Quais as causas mais próximas que justifiquem a violência nas escolas?

Rodrigo de Azevedo- Trabalhamos primeiro com a idéia de que há uma dificuldade de diálogo dessa geração de jovens. Eles não encontram acesso a meios de negociação de seu espaço na sociedade, um problema que vem desde a família, passa pelo estado e pelas demais instituições que teriam responsabilidade de abrir esse espaço de integração social. A violência vai aparecer, muitas vezes, como uma tentativa quase desesperada de colocar as suas demandas no espaço público, já que ela é um meio, e não um fim. Esse meio é utilizado especialmente em situações que caracterizam nossa sociedade com uma grande exclusão social.

IHU On-Line- São similares as formas de violência nas escolas particulares e as públicas?

Rodrigo de Azevedo- A violência aparece também em escolas de classe mais alta, no entanto, nas escolas particulares, existe uma preparação para dar conta dessa demanda de integração social, com o ensino de línguas, informática, artes. Nas escolas públicas, que têm parcelas de alunos de mais baixa renda e não têm essa capacidade de oferecer outras possibilidades de acesso ao mercado de trabalho, gera-se uma insatisfação muito grande. Muitas vezes, faltam professores e não há condições de ensino básico. Isso vai criando um tensionamento entre os estudantes que acaba resultando em atos de violência. Estes fatos, a questão do tráfico e a presença de armas entre alguns estudantes, que já foi constatada, devem ser considerados em conjunto. Uma ação de sucesso, nesse sentido, foi o projeto de abertura das escolas nos finais de semana. Esse projeto foi iniciado pelo Município de Porto Alegre, e hoje, a Secretaria Estadual de Educação também o adotou. Constatou-se um distanciamento muito grande entre a escola e a comunidade. A comunidade não via na escola um órgão público que fosse de seu interesse. Agora as escolas oferecem outras atividades além das de sala de aula, e a comunidade se aproximou, o resultado foi uma redução visível dos atos de vandalismo.

IHU On-Line- Há algum dado relacionando esses jovens que realizam atos violentos nas escolas e a sua constituição familiar?

Rodrigo de Azevedo - Há estudos que mostram uma relação entre a delinquência juvenil e as famílias onde a figura paterna está ausente. Não podemos absolutizar esse tipo de dados, mas quando há uma total desresponsabilização de uma das figuras em relação à criação dos filhos, que geralmente é a paterna, há uma tendência maior dos jovens de se descolarem do ambiente familiar e de terem um insucesso na escola. A crise do ambiente doméstico e o insucesso na escola vão encaminhando o jovem à criminalidade.

IHU On-Line- Como as políticas públicas contemplam a realidade de violência juvenil?

Rodrigo de Azevedo- Pensar na violência juvenil é pensar numa política integral, de atendimento aos jovens, e é passar longe da discussão de redução da maioridade penal e dessa crença de que por meio de punições, de encarceramento, de institucionalização do jovem, se poderia ter uma solução. O Estado devia acompanhar mais a situação familiar, em que, além da ausência da figura masculina, existe a violência doméstica. Faltam políticas de combate à violência doméstica. Investir mais em formação de professores para atender uma clientela que é bastante exigente e para que se integre a um mercado de trabalho exigente e

excludente. Precisamos políticas públicas relacionadas com a educação e relacionadas a atividades culturais e de lazer. Coisas que valorizem a produção cultural da própria comunidade.

IHU On-Line- Tem havido mudanças com os novos governos federal e estadual?

Rodrigo de Azevedo- Não diria que tem havido mudança significativa. Existe uma grande dificuldade de articulação dos diversos atores nessa área: o governo estadual, governo federal, governos municipais e organizações da sociedade civil. Podemos ver coisas que estão mudando como a própria questão da Febem, que mudou de nome, agora é FASE (Fundação de Atendimento Sócio-Educativo) numa tentativa de adequação, como, por exemplo, a separação de jovens infratores de jovens em situação de vulnerabilidade e a tentativa de atendimento a esses jovens. Precisa-se de um diálogo que rompa a divisão estado e sociedade civil, de um diálogo interdisciplinar.

Historicamente, nós temos problemas no funcionamento do Estado, na área de segurança pública. O Estado, muitas vezes, atua sem respeitar os direitos fundamentais, de uma forma arbitrária, quando deveria primar pelo respeito aos direitos fundamentais. Não pode acontecer que o jovem vá para o internamento, que seja isolado da sociedade, teria que ser ao contrário, uma reinserção, mas, ele é estigmatizado e volta de uma forma pior. Esses vários níveis, muitas, vezes estão ausentes do debate público. Esse debate está buscando respostas simplistas, como reduzir a idade penal e colocar o jovem aos 16 anos nas penitenciárias, que já estão superlotadas e não têm cumprido esse papel de reintegração.

IHU On-Line- Quando se fala em violência parece que sempre estamos falando de “eles”, “outros”, não vivemos numa sociedade violenta e há elementos anteriores que também nos dizem respeito?

Rodrigo de Azevedo- Responder a isso é complexo, mas é importante. Acredito que a violência esteve presente na sociedade brasileira como uma forma de resolução de conflitos. A diferença, que tem aparecido agora, e tem assustado algumas pessoas, é que a violência antes estava vinculada à hierarquia da sociedade, vinha de cima para baixo. Ela se expressava numa forma de dominação historicamente adotada em relação a negros, a índios, no ambiente doméstico, a relação do homem com a mulher e os filhos, então havia uma certa naturalização dessa violência, porque ela estava vinculada ao poder. O que está mudando é que essas hierarquias estão em crise, a sociedade não aceita mais esse poder hierárquico que não se justifica por nada além dessa própria hierarquia. Com isso a violência começa a mudar de sentido, a ser de baixo para cima. Ela começa a aparecer no meio desses setores sociais excluídos para colocar suas demandas no estrato público, já que não encontram outras maneiras e já que a violência é uma maneira extremamente eficaz, porque tem repercussão midiática. Temos que levar isso em conta e não ter uma postura de que as coisas estão cada vez pior, entender que essas formas de violência nas cidades contemporâneas devem ser compreendidas a partir de demandas sociais não respondidas que a sociedade, nós, temos que encarar.

IMAGENS E ALTERNATIVAS PARA RETRATAR A VIOLÊNCIA

Entrevista com Esther Hamburger

Esther Hamburger é doutora em Antropologia pela University of Chicago, U.C., Chicago, Estados Unidos e pós-doutora pela University of Texas System, U.T.S., Austin, Estados Unidos. Professora da Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Cinema Rádio e Televisão da USP, escreveu diversos livros.